



Associação Propagadora Esdeva  
Centro Universitário Academia - UniAcademia  
Curso de Filosofia  
Artigo

---

## A RELAÇÃO ENTRE A NOÇÃO DE HOMEM ENQUANTO ESPÍRITO E O DESESPERO NA OBRA A DOENÇA PARA A MORTE DE KIERKEGAARD<sup>1</sup>

Alex Pereira da Silva<sup>2</sup>

Denilson Santos da Silva<sup>3</sup>

Gabriel Dias Ferreira de Souza<sup>4</sup>

Natanael Cominoti da Conceição<sup>5</sup>

Rômulo Gomes de Oliveira<sup>6</sup>

### RESUMO

O presente artigo versa sobre a relação entre a antropologia de Kierkegaard, lastreada na noção de espírito, e a possibilidade do desespero, segundo a obra **A doença para a morte** (1849) do pseudônimo Johannes Anti-Climacus. Pretende-se ressaltar como o conceito de espírito é central na elaboração da antropologia kierkegaardiana, bem como elucidar a relação entre espírito e desespero na referida obra. Apresenta-se, inicialmente, um preâmbulo metodológico que indica a singularidade da obra de Kierkegaard e de sua leitura. Em seguida, traça-se um panorama geral a respeito do tema do pecado em outras duas obras especialmente relacionadas à obra analisada: **Migalhas filosóficas** (1844) e **O conceito de angústia** (1844), ambas assinadas por

---

<sup>1</sup> Artigo de grupo de estudos do Centro Universitário Academia (UniAcademia) na Linha de Pesquisa Filosofia da Religião.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Filosofia do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

<sup>3</sup> Discente do curso de graduação em Filosofia do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

<sup>4</sup> Discente do curso de graduação em Filosofia do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

<sup>5</sup> Discente do curso de graduação em Filosofia do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

<sup>6</sup> Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professor do curso de Filosofia do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

outros pseudônimos. Termina-se explorando a definição de ser humano enquanto espírito presente na primeira parte de **A doença para a morte**, bem como os conceitos de síntese negativa e desespero. A partir dessa apresentação, conclui-se que o entendimento do homem como espírito é a condição de possibilidade para a compreensão do desespero, oferecendo um importante critério para se interpretar a antropologia de inspiração cristã.

Palavras-Chave: Cristianismo. Desespero. Espírito. Antropologia. Kierkegaard.

## 1 INTRODUÇÃO

Na época atual – por vezes classificada como pós-cristã ou mesmo como pós-humana – na qual muito se tem discutido sobre qual seria ainda o legado do Cristianismo para uma civilização global em constante transformação, talvez as provocações de Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) contribuam para se pensar a especificidade de uma antropologia de inspiração cristã e, assim, as definições possíveis do ser humano e o grau de aproximação ou afastamento dessas definições da interpretação corrente.

A religião e, especificamente, o Cristianismo têm sido alvos de muitas críticas sociais na contemporaneidade. Pode-se pensar que se trata de um fenômeno oriundo da má compreensão do que ambos realmente são, tanto da parte daqueles fiéis que desempenham de modo distorcido seu papel, quanto da parte de certos não crentes, por ignorância ou imprecisão no julgamento. O pensamento crítico e refinado do pensador cristão dinamarquês oferece importante contribuição para se dirimir equívocos relacionados à religião e ao Cristianismo por parte de adeptos e resistentes, especialmente no campo da antropologia filosófica.

Kierkegaard tencionou tornar clara para a elite intelectual de seu país, à sua época, a problemática envolvida em tornar-se cristão. Essa seria a intencionalidade última de sua obra complexa e diversificada. Pensando a partir das categorias neotestamentárias e em confronto crítico com as influências do hegelianismo na Dinamarca, ele produziu um trabalho original.

Em **A doença para a morte** (1849), texto que servirá de base principal para o presente trabalho, Kierkegaard (ou Anti-Clímacus) versa sobre a condição antropológica a partir de pressupostos cristãos e analisa, em especial, o desespero: sua natureza, possibilidade e solução. A questão motivadora que se coloca a partir desse texto é a seguinte: **como Kierkegaard relaciona a proposição de uma**

## **antropologia baseada na noção de espírito com a possibilidade do desespero em sua obra *A doença para a morte*?**

Lançaremos mão de outros textos de comentadores do pensamento de Kierkegaard para nos auxiliar na precisão da interpretação do texto fundamental, tais como os seguintes: **Lendo Kierkegaard**, de Oliveira (2009); **Tornar-se cristão** de Roos (2007); **Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero** de Roos (2008); **O sentido do espírito no humano** de Oliveira (2016).

Nossa hipótese é aquela segundo a qual a concepção do homem como espírito, isto é, síntese de corpo e alma relacionando-se com a própria relação que a institui (o divino) é o pressuposto indispensável para se compreender a análise do desespero no texto de *Anti-Climacus* de 1849. A síntese dialética entre corpo e alma, finitude e infinitude, liberdade e necessidade pode ser efetivada de uma maneira inadequada, o que seria o desespero, ou seja, a má-relação da síntese consigo mesma, na qual ela se recusa a se tornar aquele *si-mesmo* que ela é como dom e tarefa, impedindo-se de se fundamentar de maneira consciente e deliberada em Deus.

Dividiremos a exposição da temática em três itens interdependentes: no primeiro, versaremos sobre o contexto literário da leitura de Kierkegaard, tencionando informar brevemente o leitor sobre as especificidades da leitura de sua obra; no segundo, discorreremos sobre alguns conceitos do discurso kierkegaardiano, objetivando situar a problemática da obra principal em um contexto mais amplo, sobretudo, a partir da obra **Migalhas filosóficas** (1844), do pseudônimo João/Johannes Clímacus e da obra **O conceito de angústia** (1844), de Vigilius Haufniensis; e, no terceiro item, apresentaremos a relação entre a estrutura triádica da antropologia pensada pelo autor com a sua análise do desespero, na primeira parte de **A doença para a morte**. Objetivamos, assim, esclarecer como a antropologia cristã pensada por Kierkegaard encontra o seu mote central na noção de espírito.

Assim, pretendemos, mediante uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, fazer uma síntese das contribuições críticas apreendidas da leitura da referida obra para a explicitação de uma abordagem filosófica da antropologia cristã, como trabalho final do estudo levado a cabo pelo grupo de estudos **A redescoberta do Cristianismo em Kierkegaard**.

## 2 A PECULIARIDADE DA LEITURA DA OBRA DE KIERKEGAARD

A obra de Kierkegaard<sup>7</sup> é composta por diversos gêneros literários, o que ocasiona a sua riqueza interpretativa, pois sua leitura frutífera exige uma sensibilidade mais acurada para a modalidade de comunicação utilizada. Trata-se, portanto, de um legado literário incomum quando comparado ao legado de outros filósofos ou pensadores de inspiração religiosa. De fato, o pensador dinamarquês se apresentou “não como um filósofo tradicional ou pensador religioso, mas como uma espécie de ‘poeta’ e como alguém que estava ‘apaixonado’ por sua caneta” (OLIVEIRA, 2009, p. 1, grifo do autor).

Portanto, o filósofo de Copenhague considera como seu ponto de partida a comunicação indireta, mediante a produção estética. Dessa forma, reclama o envolvimento individual do leitor no movimento interno de seus textos, objetivando que cada um faça sua própria experimentação ao lê-los, tirando suas próprias conclusões.

Entre os tipos de texto empregados por Kierkegaard, encontram-se a pseudonímia, os discursos cristãos ou de edificação, os escritos de ataque à cristandade e os materiais de periódico e caderno. A relação entre as duas primeiras formas de comunicação é particularmente destacada por Oliveira (2009). Segundo ele, o pensador dinamarquês articulava de maneira complementar as publicações dos pseudônimos (não assinadas por Kierkegaard) e as publicações dos discursos

---

<sup>7</sup> “Søren Aabye Kierkegaard (Copenhague, 05/05/1813 – Copenhague, 11/11/1855) foi um filósofo e teólogo dinamarquês. Kierkegaard criticava fortemente quer o hegelianismo do seu tempo assim como o que ele via como as formalidades vazias da Igreja da Dinamarca. Grande parte da sua obra versa sobre as questões de como cada pessoa deve viver, focando sobre a prioridade da realidade humana concreta em relação ao pensamento abstrato, dando ênfase à importância da escolha e compromisso pessoal. Sua obra teológica incide sobre a ética cristã e as instituições da Igreja. Sua obra na vertente psicológica explora as emoções e sentimentos dos indivíduos quando confrontados com as escolhas que a vida oferece. Como parte do seu método filosófico, inspirado por Sócrates e pelos diálogos socráticos, a obra inicial de Kierkegaard foi escrita sob vários pseudônimos que apresentam, cada um deles, os seus pontos de vista distintivos e que interagem uns com os outros em complexos diálogos. Ele atribui pseudônimos para explorar pontos de vista particulares em profundidade, que em alguns casos chegam a ocupar vários livros. A tarefa da descoberta do significado das suas obras é, pois, deixada ao leitor. Subsequentemente, os acadêmicos têm interpretado Kierkegaard de maneiras variadas, entre outras como existencialista, neo-ortodoxo, pós-modernista, humanista e individualista. Cruzando as fronteiras da filosofia, teologia, psicologia e literatura, tornou-se uma figura de grande influência para o pensamento contemporâneo. Está sepultado no Cemitério Assistens, em Copenhague, Dinamarca” (BIOGRAFIA, 2013, sem paginação).

(assinadas por Kierkegaard), fazendo-os vir à público em espaços de tempo muito próximos. Tal dualidade autoral seria uma característica marcante do autor. Assim, “um determinado tema inicialmente explorado em um trabalho pseudônimo pode então ser desenvolvido nos discursos ou, às vezes, o contrário” (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

A pseudonímia merece destaque, porque indica para o leitor que o texto “é um projeto pedagógico calculado, com distância autoral, e, portanto, a pseudonímia é crucial para os caminhos pelos quais Kierkegaard orientou seus leitores” (OLIVEIRA, 2009, p. 8). Em tempos mais recentes, os estudiosos também têm valorizado os discursos de edificação para a interpretação da autoria em sua globalidade, uma vez que os mesmos discursos representariam o tema central do pensador, conduzir ao propriamente cristão, como se verá adiante (OLIVEIRA, 2009).

A extensa e multifacetada obra de Kierkegaard – que, segundo Santos (2005), foi um dos autores que mais escreveu e representou sua época – não parece ter sido ocasionalmente ordenada. Robert L. Perkins corrobora com essa asserção ao afirmar o seguinte: “Devemos tratar as obras completas de Kierkegaard como um grande volume e tratar as obras individuais que ele publicou como capítulos separados neste imenso volume” (PERKINS, 1993 apud SANTOS, 2005, p. 352). Então, cabe-nos indagar: quais são as linhas unificadoras ou os temas centrais da obra kierkegaardiana? Como essa consciência da articulação interna das obras de Kierkegaard poderia nos ajudar a compreender o contexto em que se insere **A doença para a morte** e, conseqüentemente, esclarecer a questão motivadora desta pesquisa?

Oliveira (2009) ressalta que pode haver vários objetivos informando os textos de Kierkegaard ao mesmo tempo, como aqueles de ordem religiosa, filosófica ou psicológica. A sobreposição desses objetivos nos textos, tendo todos um mesmo eixo ou centro, poderia ser denominada de sobredeterminação e ser representada pela figura dos círculos concêntricos, imagem encontrada em **Ou-ou** (1843), uma das obras iniciais do pensador dinamarquês.

O centro articulador dos círculos concêntricos poderia ser compreendido como a própria experiência de vida do autor, ou seja, “sua relação contínua com Deus, sua autoeducação contínua, suas tentativas de lidar com o *establishment* literário de Copenhague, seus questionamentos filosóficos etc.” (OLIVEIRA, 2009, p. 10).

Em outro sentido, considerando-se a própria perspectiva do filósofo dinamarquês no que diz respeito ao processo através do qual alguém vem a tornar-se si mesmo, Roos argumenta que a reflexão acerca de se tornar cristão é o núcleo do pensamento de Kierkegaard (ROOS, 2013). Oliveira (2016) cita o próprio Kierkegaard para justificar que o tornar-se cristão foi considerado por ele o problema que subjaz à totalidade de sua atividade autoral, influenciando, inclusive, em como o pensador interpretara suas experiências existenciais e vice-versa:

De acordo com *Sobre a Minha Actividade como Autor*, “o movimento que a autoria descreve é: *do ‘poeta’ – do estético, do ‘filósofo’ – do especulativo até à indicação da determinação mais interior naquilo que é cristão [...]*”. Cada um dos textos da autoria ocupa, assim, uma posição relativa na ilustração deste movimento, exercendo a função de mostrar “o poeta”, “o filósofo”, etc., numa progressão que culmina “*naquilo que é cristão*”. Kierkegaard afirma também que o problema que subjaz a toda a autoria é o “*tornar-se cristão*”, que aí reside o “*pensamento total de toda a actividade como autor*” (OLIVEIRA, 2016, p. 11, grifo do autor).

Em conclusão, apontamos como os recursos literários ligados à comunicação indireta são importantes a fim de se compreender a obra do filósofo da Dinamarca, bem como apresentou-se a centralidade do Cristianismo na mesma obra. Em seguida, exporemos um breve panorama da reflexão sobre o pecado em algumas obras de Kierkegaard consideradas aptas para precisar a problemática de **A doença para a morte**.

### **3 A REFLEXÃO SOBRE O PECADO NAS OBRAS DE KIERKEGAARD: BREVE APONTAMENTO AO PROBLEMA DE A DOENÇA PARA A MORTE**

De posse da argumentação precedente, que apresentou algumas noções necessárias para se situar o estilo de comunicação presente em **A doença para a morte** e sinalizou para a importância da pseudonímia no projeto literário de Kierkegaard, convém que se atente para dois pseudônimos especialmente relacionados entre si, indagando-nos: Como os pseudônimos João/Johannes Climacus e Anti-Climacus auxiliariam na compreensão da relação do indivíduo com o Cristianismo em **A doença para a morte**?

João/Johannes Climacus possui psicologia e lógica próprias e uma biografia descrita em **Johannes Climacus ou De omnibus dubitandum est** (1843). É um autor jovem e de grande capacidade especulativa, um humorista familiarizado com as

obras dos gregos antigos, de Descartes e de Espinosa. Inicialmente, em sua jornada intelectual, teria tentado duvidar de tudo, mas ao ver-se incapaz de fazê-lo, contentou-se com uma pequena dúvida. Ele se declarava o único dinamarquês que não conseguia ser cristão no interior da cristandade europeia caracterizada pela síntese operada por Hegel entre Cristianismo e Filosofia, justificando-se por sua opção, pois avalia que se tornar cristão seria algo difícilimo. Publicou **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia** em 1844 e em 1846, **Postscriptum final não científico às Migalhas filosóficas** (VALLS, 2011 in KIERKEGAARD, 2011).

João/Johannes Anti-Climacus, por sua vez, definia-se como um cristão ideal, tendo publicado **A doença para a morte e Prática no Cristianismo** (1850). A linguagem do Cristianismo lhe é habitual. Ele chega a confundir a si mesmo com a idealidade cristã, tendo como função literária resgatar “a importância da lei e da exigência enquanto pedagogo que conduz a Cristo” (ROOS, 2007, p. 153). Em consequência, segundo Roos, **A doença para a morte** aspira por despertar em seus leitores a verdade do Cristianismo como um projeto pessoal, uma meta de vida a qual não se chega, exclusivamente, mediante dogmas ou normas éticas<sup>8</sup>.

A antropologia presente no texto de **A doença para a morte** do pseudônimo Anti-Climacus poderá ser melhor compreendida se situada em um contexto mais geral frente às obras de Kierkegaard. Dado que um tratamento exaustivo da temática abordada aqui – qual seja, a da relação entre o desespero e a estrutura da antropologia kierkegaardiana – não é o que nós objetivamos, faremos uma seleção entre as obras que poderiam ser mais relevantes para este tópico. Adotamos como critério o procedimento de Roos (2007) que em sua tese cita, sobremaneira, os textos **Migalhas filosóficas** (1844) e **O conceito de angústia** (1844) para comentar a posição de Kierkegaard em referência aos problemas do pecado e da condição antropológica relacionada com ele.

Ambas as obras supramencionadas abordam a temática teológica do pecado por um viés psicológico-filosófico, isto é, mediante uma análise dos elementos que possibilitam ou manifestam o pecado na experiência humana. Ele é descrito como angústia em **O conceito de angústia** (1844) e como desespero em **A doença para a**

---

<sup>8</sup> “Esse aspecto único do cristianismo idiossincrático de Kierkegaard talvez possa ser explicado em parte pela influência do cristianismo pietista dos *Herrnhuter* [irmãos morávios] de seu pai, no qual o objetivo da atividade religiosa deveria ser despertar o espírito de Deus em cada indivíduo” (EWIG, 2000 apud ROOS, 2007, p. 153, grifo do autor).

**morte**, ressaltando-se que o primeiro caso se refere ao momento posterior à queda voluntária do homem em pecado. Em **Migalhas filosóficas** (1844), quando Climacus apresenta um projeto de pensamento alternativo ao socrático, ele o faz caracterizando o homem como a não-verdade, isto é, como aquele que polemiza contra a verdade, que livremente se afasta dela, já não podendo, após o afastamento, recuperar por si mesmo a condição originária.

Deve-se sublinhar que o conceito de angústia pretende exprimir a condição do ser humano anterior ao pecado, objetivando responder às questões que dizem respeito à responsabilidade do indivíduo por estar em pecado. A angústia é caracterizada como o estado psicológico do indivíduo em estado de inocência diante da possibilidade de efetivação de suas potencialidades desconhecidas. A passagem da síntese que o ser humano é em seu estado originário perfeito para a má relação da síntese consigo mesma (pecado/desespero) se dá mediante a angústia, não de maneira progressiva, mas como um salto. Esse mesmo salto não seria privilégio do primeiro homem a pecar/desesperar, mas sim escolha tomada responsabilmente por cada indivíduo (ROOS, 2008).

Portanto, em ambos os casos, a condição de possibilidade do desespero, da angústia ou do pecado é justamente a constituição da síntese que pode estabelecer uma relação inadequada consigo mesma ou com Deus:

Precisamente porque é uma relação, o ser humano pode se angustiar e desesperar. Angústia e desespero surgem como consequência da má relação da síntese consigo mesma, bem como com Deus, o que constitui o pecado. Esta é a situação de não-verdade do ser humano que, como enfatizado em *Migalhas Filosóficas*, terá de ser recuperada a partir de fora com a vinda do mestre, que é ele mesmo a verdade, e que traz a fé enquanto condição para compreendê-la (ROOS, 2007, p. 150).

Em **Migalhas filosóficas** (1844) está em destaque a interconexão entre cristologia e antropologia, uma vez que a fé em Cristo, o Deus no tempo, e a constatação da condição pecadora do homem se exigem reciprocamente. Pois, “a fé cristã em Cristo e a visão cristã do homem permanecem ou caem juntas, se elas são separadas uma da outra, ambas se tornam sem sentido em si mesmas” (LØNNING, 1978 apud ROOS, 2007, p. 102).

Se é esse o nível de dependência entre antropologia e cristologia em Kierkegaard, deveríamos nos perguntar, à guisa de elucidação elementar de uma peça fundamental da reflexão ora desenvolvida, como o pensador dinamarquês

concebe a figura de Cristo e a relação que um indivíduo poderia estabelecer com ele. Ainda: qual seria o papel da racionalidade nesse processo?

Entre tantos aspectos que concorreriam para a elucidação da concepção de Cristianismo em Kierkegaard, a noção de **paradoxo**<sup>9</sup> absoluto é, certamente, axial, como o tem enfatizado diversas gerações de pesquisadores (ROOS, 2007). Esse paradoxo corresponde à tese de que o Eterno surgiu no tempo, de que Deus assumiu a condição humana e viveu como um servo sofredor, enfim, consiste na Encarnação de Deus em Cristo. Compreendê-lo implica em um salto, em uma decisão derivada de uma condição dada pelo próprio Cristo, o Mestre no tempo, pois o paradoxo absoluto não pode ser demonstrado, estando para além dos quadros da racionalidade (KIERKEGAARD, 2011).

Em consequência, a tentativa de compreensão racional de Deus ou da relação de um espírito existente com ele é sempre fracassada, e é um escândalo se um indivíduo se dá conta disso e não se abandona ao paradoxo pela fé, pois:

Quando a razão tenta compreender o absolutamente diferente não é este que ela compreende, mas algo que ela mesma criou, a diferença produzida em si mesma que, de modo algum, pode ser a diferença absoluta (ROOS, 2007, p. 110).

Desse modo, a ilação retirada das reflexões acerca do homem como sendo a não-verdade é a necessidade de uma revelação, expressa como a condição que Cristo dá para se relacionar com ele. O discipulado baseado na fé é o que possibilita o restabelecimento da relação correta do indivíduo existente com Deus, consigo

---

<sup>9</sup> Alastair McKinnon distingue seis usos do conceito de paradoxo na obra kierkegaardiana: “1) o paradoxo existencial surge do fato de que a pessoa que conhece é um sujeito existente, da justaposição entre os reinos da existência e do conhecimento. A referência aqui é Sócrates, que procura expressar a verdade que conhece na existência. Deve-se notar que, de forma ainda mais intensa do que no socrático, Kierkegaard perceberá esta forma de paradoxo como propriamente cristã; 2) o sentido dialético é usado para referir a uma contradição que, todavia, poderia e deveria ser resolvida pelo pensamento. Este sentido do termo é mais usado na juventude de Kierkegaard, tendendo a desaparecer em sua obra mais madura; 3) o sistematicamente incompreensível refere-se ao paradoxo que não pode ser explicado racionalmente, implica a percepção de que há coisas que a razão não pode explicar, como no caso de sistemas que não conseguem esclarecer seus pressupostos nos termos do sistema mesmo; 4) o autocontraditório – na opinião de McKinnon mais próximo do propriamente cristão do que os outros sentidos – é a expressão da oposição entre os propósitos do cristianismo e aqueles do homem natural; 5) o histórico dependente diz respeito ao fato de que, no cristianismo, a fé se refere a eventos históricos; e 6) o aparentemente contraditório diz respeito aquilo que pareceriam ser contradições no cristianismo, mas que, de fato, não o seriam. Para McKinnon, é neste sentido que Kierkegaard diria que o cristianismo é um paradoxo” (ROOS, 2007, p. 116, grifo do autor).

mesmo e com o seu próximo. E, ainda mais radicalmente, poderíamos dizer que é a revelação que possibilita ao homem um adequado conhecimento de si como pecador.

#### **4 A RELAÇÃO ENTRE ANTROPOLOGIA E DESESPERO NA OBRA A DOENÇA PARA A MORTE**

Já no início da exposição de Anti-Climacus, na primeira parte de sua obra, a doença para a morte é definida como desespero e este, por sua vez, é compreendido enquanto uma doença no *si-mesmo*. Posteriormente, serão abordados os seguintes temas: a condição de possibilidade do desespero, a sua universalidade e as suas formas em referência à determinação abstrata e ao nível de consciência que se tem de ser espírito e de se estar em desespero. Na segunda parte da obra, mais explicitamente teológica do que a primeira, o desespero é entendido como pecado. Nosso objetivo se restringe à análise da primeira parte da obra, mais antropológica, a fim de explicitar a relação entre o modelo triádico da compreensão do homem e o desespero.

Como indicado na primeira seção, a modalidade de comunicação adotada é altamente sugestiva para a interpretação dos textos de Kierkegaard. Em relação ao texto atribuído a Anti-Climacus, o título, o prefácio e a introdução são elementos literários que auxiliam o leitor em seu processo de apropriação da experiência proposta na obra. A expressão presente no título – “A doença para a morte” – é remetida ao episódio da morte de Lázaro, conforme a própria introdução. Nessa passagem do evangelho segundo João, Cristo teria dito diante da morte de Lázaro: “Esta doença não é para a morte” (Jo. 11, 4). O autor não vê a justificação do versículo supracitado no milagre da ressurreição de Lázaro, mas na existência de Cristo que é “a ressurreição e a vida” (Jo. 11,25). Segundo Anti-Climacus, a morte e toda sorte de sofrimentos terrenos não são o fim de tudo, a doença para a morte, para o cristão. Este é como o adulto em relação à criança, pois o adulto sabe onde se encontra o perigo maior: o desespero, o pecado (KIERKEGAARD, 2014).

Uma vez que o assunto abordado na obra pertence ao âmbito do especificamente cristão, também a sua abordagem será cristã. Decorre disso o subtítulo do livro: uma exposição psicológico-cristã para edificação e despertar. Embora inclua uma leitura filosófico-antropológica, ele a supera, porque “o que se considera propriamente cristão, para Kierkegaard/Anti-Climacus não pode ser restrito

ao especulativo ou ao cientificismo” (ROOS, 2007, p. 154). Pelo contrário, “tudo o que é propriamente cristão deve assemelhar-se em sua apresentação à fala do médico junto ao leito do doente [...]” (KIERKEGAARD, 2014, p. 3). Portanto, a exposição não deve ser indiferente à situação existencial do leitor; ela deve ser cuidadosa e solícita para com a subjetividade.

Assim, segundo Ewig, o objetivo de **A doença para a morte** (1849) é aquele de despertar em seu leitor a verdade do Cristianismo como um objetivo de vida pessoal (ROOS, 2007). A fim de efetivar esse propósito, a obra apresenta a definição “do que seja a determinação espiritual do humano e também o afastamento natural do humano em relação a essa determinação (o acontecimento do desespero)” (OLIVEIRA, 2016, p. 23, grifo do autor). A determinação espiritual do humano é explicada por Anti-Climacus no seguinte trecho:

O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o *si-mesmo*. Mas o que é o *si-mesmo*? O *si-mesmo* é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o *si-mesmo* não é a relação, mas a relação se relacionando consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois. Assim considerado o ser humano ainda não é um *si-mesmo* (KIERKEGAARD, 2014, p. 9, grifo do autor).

Anti-Climacus estabelece uma distinção entre a relação e a relação que se relaciona consigo mesma, sendo esta última a qualificação do ser humano como espírito. A simples relação é dual e é nomeada pelo autor, em outra passagem, como uma unidade negativa. Desse modo, o ponto de partida da análise antropológica empreendida aqui é a assunção da dualidade de momentos que determinam o acontecimento do indivíduo como naturalmente bifronte, isto é, ocorrendo enquanto dois modos de ser (OLIVEIRA, 2016). Assim, em relação à unidade negativa, poderíamos defini-la como:

[...] a facticidade do humano, isto é, a sua existência como indivíduo naturalmente determinado no duplo modo psicofísico. A “unidade negativa” corresponde, deste modo, ao *dado* da vida humana individual como tal (OLIVEIRA, 2016, p. 60, grifo do autor).

Esse duplo modo psicofísico é estabelecido enquanto uma relação dialética, ou seja, a determinação física e a determinação anímica não existem em isolamento, mas somente enquanto estão relacionadas. Não se poderia compreender o anímico

sem o corpóreo nem o corpóreo sem o anímico. A perspectiva humana é o eixo no qual se encontram, desde o início unidas, as determinações da alma e do corpo. Assim, “estas determinações distintas não podem ser substancialmente delimitáveis, uma vez que não são ‘coisas’, mas momentos da perspectiva individual humana” (OLIVEIRA, 2016, p. 59, grifo do autor).

Na polaridade corpo-alma, cada polo tem características distintas e mesmo contraditórias, razão pela qual “[...] a heterogeneidade entre alma e corpo é uma heterogeneidade entre termos *em tensão, em luta entre si*, e não uma mera diferença de estrutura” (OLIVEIRA, 2016, p. 34, grifo do autor). Cada termo exerceria uma espécie de pressão negativa sobre o outro termo com o qual se relaciona, tendendo a fixar o seu sentido no interior do ponto de vista humano, negando-se reciprocamente. Por isso, a relação, denominada como terceiro termo, é negativa<sup>10</sup>. Entretanto, considerada desde a existência, essa relação é a primeira a ser posta, pois aquilo que o indivíduo humano é imediatamente é a relação contraditória entre o corporal e o anímico, ou seja, entre o imediato e o ideal.

Como mencionado acima no trecho de **A doença para a morte**, a síntese original (psicofísica) pode ser explicitada por três pares dialéticos: infinitude-finitude, eterno-temporal e possibilidade/liberdade-necessidade. Esses polos expressam algo que já estava contido na síntese alma-corpo, mas o fazem de um modo abstrato, “na medida em que o primário é o dado bruto da existência, isto é, a vida radica sempre na ‘unidade negativa’ ou na síntese originária” (OLIVEIRA, 2016, p. 135, grifo do autor). Oliveira (2016) pondera ainda que a relação originária poderia ser desdobrada em mais pares dialéticos, não sendo a única possibilidade de explicitação da referida síntese.

Os polos da síntese que caracterizam o ser humano são para Kierkegaard uma dádiva (*gave*) de Deus que implica uma tarefa (*opgave*) existencial, porque, segundo Roos, a “dádiva da criação e a tarefa da existência estão, em Kierkegaard, implicadas uma na outra” (ROOS, 2007, p. 157). O dom da criação divina oportunizaria um processo de tornar-se que não está dado, a princípio. Assim, tornar-se *si-mesmo* (espírito) implica na tarefa da relação se relacionar consigo mesma e, “ao relacionar-se a si mesma se relaciona a um outro” (KIERKEGAARD, 2014, p. 9). Esse outro é

---

<sup>10</sup> “Na relação entre dois a relação é o terceiro como unidade negativa, e os dois se relacionam com a relação e na relação se relacionam com a relação; assim sob a determinação alma, a relação entre alma e corpo é uma relação” (KIERKEGAARD, 2014, p. 9).

identificado como aquele que estabeleceu toda a relação, isto é, Deus mesmo. Assim, conclui Oliveira a respeito da tarefa de ser espírito:

A relação *psicossomática*, que é na realidade a relação *original*, constitui-se como *tarefa do «espírito»*. Com efeito, o que está aqui em causa é uma possibilidade que, neste sentido, é *não-natural*: o «espírito» não é, neste sentido, *constitutivo* do indivíduo, do ponto de vista da actualidade, embora seja sempre uma possibilidade constitutivamente sua. Além disso, o «espírito» não se encontra *nunca* no indivíduo como algo de *constituído*, mas é sempre uma determinação que se mantém na *precariedade natural* do eu, o qual mantém a sua *desprotecção natural* face às mais bestiais (no sentido antigo do termo) possibilidades de si (de modo que, se a determinação espiritual corresponde a uma elevação da existência, não elimina a fragilidade que sempre lhe pertence) (OLIVEIRA, 2016, p. 24, grifo do autor).

Ora, por que tornar-se espírito é uma tarefa? Em que sentido ser espírito é algo não-natural? O espírito é sempre condição de possibilidade<sup>11</sup> da síntese, mesmo quando esta é inconsciente de si mesma. Dessa maneira, na síntese negativa, o “espírito não está absolutamente ausente, mas está presente como inocência, mas não como inocência absoluta” (OLIVEIRA, 2016, p. 71). Na inocência, a síntese suspeita que é espírito e, na medida em que toma consciência de ser espírito, também toma consciência da contradição original que é e do regime de sentido existencial que a guia. Nessa impossibilidade de uma clareza absoluta do indivíduo sobre si mesmo esconde-se o risco de ser um outro de si, em sua desprotecção natural. No entanto, tal risco não é resultante somente da ausência de conhecimento, mas, em parte, de uma escolha, uma vez que conhecimento e vontade estão interrelacionados, conforme Kierkegaard defende:

De fato, há em toda obscuridade e ignorância uma interação dialética de conhecimento e vontade, e quando se compreender uma pessoa pode-se errar ao acentuar apenas o conhecimento ou ao acentuar apenas a vontade (KIERKEGAARD, 2014, p. 45).

Ser outro de si, ou, para dizer como o filósofo dinamarquês, desesperadamente não querer ser si mesmo, é a fórmula geral do desespero. A possibilidade de desesperar, no entanto, é uma vantagem atribuível ao ser humano que o distingue

---

<sup>11</sup> “[...] o ‘espírito’ é um acontecimento simultaneamente originário (pertence à natureza do ‘eu’) e por constituir (tem que ser posto pelo sujeito), de modo que, se a determinação espiritual corresponde à possibilidade radical do humano, não está nele realizada. Consequentemente, quanto à determinação espiritual, pode dizer-se que, do ponto de vista natural, o indivíduo *é e não é*” (OLIVEIRA, 2016, p. 91, grifo do autor).

dos animais, porque a possibilidade de desesperar está ligada à possibilidade de ser espírito, isto é, à possibilidade do homem se relacionar conscientemente consigo e com Deus. Posto que a consciência está interrelacionada à vontade, poder desesperar é o índice da liberdade do homem.

Estar atento para a realidade do desespero, por sua vez, é a superioridade do cristão, pois ele está mais maduro em seu conhecimento de si como espírito. Com efeito, o “problema do ‘espírito’ é, segundo Kierkegaard, introduzido pelo Cristianismo” (OLIVEIRA, 2016, p. 5, grifo do autor). É o Cristianismo que insere no mundo a problemática da relação transparente e individual com Deus enquanto constitutiva do homem. Conseqüentemente, o núcleo do paganismo<sup>12</sup> é a inconsciência de se estar diante de Deus, isto é, o desespero.

Não obstante, cair em desespero é a perdição do homem. Passar da potencialidade à efetivação, nesse caso, consiste em um decréscimo, em uma terrível desvantagem. Tal desvantagem é adquirida a cada instante na relação malsucedida da síntese consigo mesma. Seu fim último é morrer a morte, ou seja, vivenciar a morte a cada instante e, portanto, eternamente. Sem poder livrar-se de si e tornar-se outro de si, o indivíduo desesperado consome-se impotente, incapaz de anular-se. O eterno presente no homem torna-se sua maior exigência, transformando-se naquilo “[...] que mantém a corrosão viva e a vida na corrosão” (KIERKEGAARD, 2014, p. 15). Assim se expressa o filósofo de Copenhague a respeito dessa impossibilidade de autoanulação por parte do indivíduo desesperado:

O *si-mesmo* que ele desesperadamente quer ser é um *si-mesmo* que ele não é (pois querer ser o si mesmo que ele é em verdade é exatamente o oposto do desespero), ou seja, ele quer arrancar o seu *si-mesmo* do poder que o estabeleceu. Mas isso ele não consegue, apesar de todo o seu desespero; apesar de todo o esforço do seu desespero aquele poder é mais forte e o obriga a ser o *si-mesmo* que ele não quer ser. Mas assim ele quer, afinal de contas, livrar-se de *si-mesmo*, livrar-se do *si-mesmo* que ele é para ser o *si-mesmo* que ele mesmo inventou (KIERKEGAARD, 2014, p. 17, grifo do autor).

---

<sup>12</sup> “Contudo há e permanece havendo uma diferença, e é uma diferença qualitativa, entre paganismo no sentido mais estrito e paganismo na cristandade, a diferença para a qual *Vigilius Haufniensis* chamou a atenção com relação à angústia, qual seja, a de que o paganismo decerto carece de espírito mas, mesmo assim, é determinado em direção ao espírito, ao passo que o paganismo na cristandade carece de espírito afastando-se dele ou como uma deserção e, portanto, é ausência de espírito no sentido mais estrito” (KIERKEGAARD, 2014, p. 43, grifo do autor).

Apesar desse lastro ontológica que vincula inexoravelmente o ser humano a Deus, não querer ser *si-mesmo* não é algo raro, antes, pode-se dizer que “não vive uma única pessoa que de fato não esteja um pouco desesperada, que bem no íntimo não abrigue uma inquietude, uma discórdia, uma desarmonia, uma angústia por algo desconhecido [...]” (KIERKEGAARD, 2014, p. 18). A consciência aguda de se estar em desespero é rara, mas disso não se depreende que o desespero o seja. A noção comum dessa doença no espírito ignora a mesma distinção e, ao ignorá-la, não reconhece que a inconsciência do desespero é desespero, como no caso supramencionado do paganismo. A bem dizer, o lugar mais comum para se encontrar essa doença é “no âmago mais profundo da felicidade” (KIERKEGAARD, 2014, p. 22).

Quais seriam as formas do desespero? De um modo geral, as formas de desespero se definem pela consideração abstrata da síntese ou pelo grau de consciência que se tem de estar em desespero. Aquelas levam em consideração o desequilíbrio da síntese malsucedida que se fixa em um dos polos dos quais é constituída em detrimento do outro; estas se definem pela proporção simétrica entre o maior grau de consciência e a intensidade do desespero.

Mas haveria alguma solução para o desespero, uma cura para a doença mortal? Anti-Climacus pretende identificar a solução para o desespero humano no restabelecimento de uma relação correta da síntese com Deus e consigo mesma. Na verdade, a bem-aventurança do cristão é estar curado do desespero, porque:

O crente possui o antídoto eternamente seguro contra o desespero: possibilidade; pois para Deus tudo é possível a todo instante. Esta é a saúde da fé, que resolve contradições. A contradição aqui é que, humanamente falando, a ruína é certa e que, no entanto, ainda há possibilidade. A saúde é, sobretudo, capacidade de resolver contradições (KIERKEGAARD, 2014, p. 36).

A decisão implicada na fé que, ao mesmo tempo, é uma dádiva, somente é tomada quando o indivíduo é conduzido ao seu extremo, percebe-se como um conflito para si mesmo e perde o seu entendimento. Revelar-se-á, então, que o combate da fé aspira pela possibilidade de salvação exatamente no instante em que ela é humanamente inalcançável. A maneira concreta através da qual Deus virá socorrer o crente não é conhecida, somente se confia que para Deus nada é impossível. Assim, pela fé, o indivíduo, a cada instante, é colocado na relação adequada com Deus e consigo, libertando-se da pretensão de “[...] pôr-se a si mesmo como a origem de

sentido da própria existência, rejeitando liminarmente que *já há um projecto de si mesmo*” (OLIVEIRA, 2016, p. 88, grifo do autor).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão motivadora deste artigo foi a seguinte: **como Kierkegaard relaciona a proposição de uma antropologia baseada na noção de espírito com a possibilidade do desespero em sua obra *A doença para a morte***? Sabe-se que, na cultura contemporânea, o Cristianismo tem se tornado um fenômeno secundário, se a sua importância social hoje for comparada ao papel preponderante que já exercera no passado. Entretanto, ainda é uma tradição religiosa com alguma relevância sociocultural no Ocidente, razão pela qual é importante compreender sua fisionomia mais distintiva, sobretudo no que diz respeito à imagem de ser humano sustentada por essa tradição. Pensa-se que a obra de Kierkegaard nos auxiliou a tornar mais exata a noção de ser humano implicada na profissão de fé cristã, bem como a entender como a categoria de pecado/desespero interage com essa antropologia.

Na primeira seção do artigo, apresentamos um breve preâmbulo metodológico, explicitando as peculiaridades da obra de Kierkegaard. Na segunda seção, oferecemos um panorama conceitual, a fim de se entender melhor o problema tratado em ***A doença para a morte*** (1849), relacionando-o com a discussão acerca do pecado e da fé cristã em Cristo. Por fim, na última seção, explicitamos a ligação entre a concepção do ser humano enquanto espírito e a possibilidade, a natureza, as formas e a solução do desespero. Constatamos que o espírito – síntese de corpo e alma que se relaciona conscientemente com Deus e consigo mesma enquanto contradição – é a categoria central que articula a antropologia cristã, sem a qual não é possível pensar o desespero. Este seria a relação malsucedida da síntese ao se recusar a existir diante de Deus.

Em suma, baseou-se o presente texto na exegese das obras supramencionadas, podendo-se confirmar a hipótese inicial, segundo a qual o conceito de espírito é indispensável para se compreender o fenômeno do desespero humano tal como fora descrito, oferecendo assim um importante critério para se interpretar a antropologia cristã. Essa análise também nos mostrou a articulação

dialética entre os momentos anímico e corpóreo na determinação do homem como espírito.

## **THE RELATION BETWEEN THE NOTION OF HUMAN BEING AS SPIRIT AND DESPAIR IN KIERKEGAARD'S WORK THE SICKNESS UNTO DEATH**

### **ABSTRACT**

This article deals with the relationship between Kierkegaard's anthropology, based on the notion of spirit, and the possibility of despair, according to the work **The Sickness unto Death** (1849) by the pseudonym Anti-Climacus. It is intended to emphasize how the concept of spirit is central to the elaboration of Kierkegaardian anthropology, as well as to elucidate the relationship between spirit and despair in the referred work. Initially, a methodological preamble is presented which indicates the uniqueness of Kierkegaard's work and its reading. Then, a general overview about the theme of sin is outlined in two other works especially related to the analyzed work: **Philosophical Fragments** (1844) and **The Concept of Anxiety** (1844), by other pseudonyms. It ends by exploring the definition of human being as spirit present in the first part of **The Sickness unto Death**, as well as the concepts of negative synthesis and despair. From this presentation, it is concluded that the understanding of man as a spirit is the condition of possibility for the understanding of despair, offering an important criterion to interpret Christian-inspired anthropology.

Keywords: Christianity. Despair. Spirit. Anthropology. Kierkegaard.

### **REFERÊNCIAS**

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 13. ed. Tradução da CNBB. São Paulo: Canção Nova; Brasília: CNBB, 2012.

BIOGRAFIA. **IHU-Online**, São Leopoldo, 13 maio 2013. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4962-biografia-de-kierkegaard>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **Migalhas filosóficas**: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. 3. ed. Tradução de Ernani Reichmann; Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2011.

KIERKEGAARD, S. A. **The Sickness unto Death**. Edição e tradução com introdução e notas de Howard V. Hong e Edna H. Hong. Princeton: Princeton University Press, 1980 [*quidem*: ANTI-CLIMACUS [Søren Aabye Kierkegaard]]. **A doença para a morte**: uma exposição psicológico-cristã para edificação e despertar. Tradução preliminar de Jonas Roos, 2014 (Parte I).

OLIVEIRA, Rômulo G. de. Lendo Kierkegaard: uma introdução ao filósofo da Dinamarca. Traduzido e adaptado de: FERREIRA, M. Jamie. Introduction: Reading Kierkegaard. In: \_\_\_\_\_. **Kierkegaard**. Chichester (Inglaterra): Wiley-Blackwell, 2009. p. 1-17.

OLIVEIRA, Sara Filipa Matias Carvalhais de. **O sentido do espírito no humano**: Estudo sobre a determinação antropológica na obra de Kierkegaard. 2016. 654 f. Tese (Doutorado em Filosofia)-Universidade Nova de Lisboa, 2016.

ROOS, Jonas. Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero. **Revista La Mirada Kierkegardiana**, Buenos Aires, n. 1, p. 68-78, 2008.

ROOS, Jonas. **Tornar-se cristão**: o núcleo do pensamento de Kierkegaard. Entrevista de Márcia Junges e Gabriel Ferreira, do Instituto *Humanitas* Unisinos – Paraná. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4965-jonas-roos-2>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

ROOS, Jonas. **Tornar-se cristão**: o Paradoxo Absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard. 2007. 247 f. Tese (Doutorado em Teologia)-Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.  
SANTOS, Deyve Redyson M. O legado intelectual de Søren Kierkegaard. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 6, n. 3, p. 352-363, set./dez. 2005.

